			_
1			1

ROJAVA: YPG-YPJ CHRONIQUES ORDINAIRES DU FRONT

texto e fotos publicados originalmente em: www.kedistan.net/tag/chroniques-du-front



APRESENTAÇÃO

Este é o número zero da Revista Rojava. Além de um breve panorama sobre Rojava, este número traz a tradução das Crônicas Ordinárias do Fronte, os diários de dois combatentes estrangeiros que se juntaram às milícias curdas YPG/YPJ no início de 2016. Originalmente publicados como posts na internet, estes relatos têm caráter tanto documental como literário. Tratam dos conflitos cotidianos na defesa de uma territorialidade que se estabelece como o outro possível em meio à guerra em curso na Síria desde 2011. Ao explicitarem no plano do vivido as contradições implicadas no processo, revelam o tédio e a tragédia da guerra enfrentada como vida cotidiana.

A narrativa parte tanto da perspectiva de estranhamento do olhar estrangeiro, quanto da familiaridade com o modo de vida militar: C.C. e D.I., os autores e personagens dessa saga, são originariamente proletários brutos vindos de um dos maiores exércitos de mercenários do mundo, que se juntaram às forças curdas por profissão, mas também certa excitação com o cenário. Registram dia a dia, em foto e texto, o quê de poético pode aflorar a cada momento, mas sem idealizar o contexto e nem romantizar a realidade que se impõe sob a barbárie. Assim, seja Rojava vista de fora como movimento de revolta, resistência popular, luta de autodefesa, ou mesmo processo revolucionário... o que essas narrativas mostram são os modos como operam as necessidades radicais na organização deste território, declarado autônomo enquanto autogestão da sobrevivência em múltiplas escalas.

Por fim, esta REVISTACOMANDO ainda imprime cenas de combate protagonizadas por mulheres, estetiza a guerrilha nas montanhas, transforma a guerra em objeto de fruição alhures. Como tudo o que toma corpo nesse mundo, só pôde se realizar sob a forma de mercadoria. Uma pequena produção gráfica, valorizada pelo fetiche do trampo "autônomo", que no limite da forma não passa de mais um modo precário que encontramos de produzir algo em meio à crise geral do trabalho. Quando, via venda (D-M-D'), a revista Rojava voltar a se tornar dinheiro, parte da grana investida será devidamente desviada em direção à conta dos autores no fronte, dada a divisão do trabalho realmente implicada nesta produção. Mais pralém das determinações materialistas, tem também a importância de fazer circular este conteúdo: como tentativa de ampliação do nosso pertencimento histórico a esta época, mirando em tempo ao epicentro das atuais guerras de reordenamento mundial. Parece haver, afinal, alguma relevância em revelar a violência que avança escamoteada pelo termo cínico de "crise global": já é hora de atualizar o status quo de crise para colapso, sem deixar de reiterar a revolução no campo das representações.

Por isso pode ser que esta revista pareça propaganda. Que seja, sendo ainda outras coisas.



			_
1			1

YPG/YPJ: CRÔNICAS ORDINÁRIAS DO FRONTE

Fora algumas reportagens em vídeo, não é fácil ter ideia do cotidiano de umx combatente dos YPG-YPJ em Rojava. Ainda mais quando se fala em voluntários estrangeiros, tudo geralmente é muito forçado, derivação de um fascínio geral pelas armas. Mas daí uns "voluntários internacionalistas" propuseram nos enviar seus registros pessoais, feitos no dia a dia, pra que a gente publicasse. Aceitamos, mesmo sabendo que é impossível verificar o que eles falam. Além disso, informações de ordem puramente militar não têm que ser assunto pra toda e qualquer publicação sobre Rojava. Isso que entregamos pra vocês são, portanto, "crônicas de guerra em Rojava" em forma bruta.

Serviremos então apenas de veículo para a publicação dessas notas, respeitando integralmente a subjetividade e o estilo de seus autores.

Quedistão, 28 de fevereiro de 2016

21 de fevereiro a 25 de fevereiro de 2016

Os dias se desenrolam no ritmo da formação. O foco permanece no aprendizado de curdo. Não é tão complicado, mas nos falta tempo em relação ao volume de coisas que ainda temos pra aprender, e o medo é que se nosso nível não for suficiente, seremos relegados às tarefas secundárias nos taburs². Quanto aos outros módulos (armamento, tiro tático...), passamos sem problemas.

Como eu já disse, os YPG-YPJ não assumem riscos quando se trata dos voluntários estrangeiros que aderem sua luta. Todas as ordens são dadas em curdo e não faz parte da mentalidade deles enviar qualquer um pro "abate". O conceito de "bucha de canhão" não existe aqui.

21 de fevereiro ainda temos mais três módulos de combate e aí terminamos essa sessão da formação de base. Se a gente quiser, é possível permanecer aqui mais um pouco pra continuar a aprender a língua. Eu consegui convencer o Pitt Bull a não ir direto pro batalhão "internacional". Além dele não saber nada de inglês, o curdo dele, assim como o meu, não tá num nível bom. Tamo com a ideia de passar uns dias em Qamişlo depois daqui. Eu gostaria de ver os projetos sociais que tão rolando por lá, como a formação de enfermeiros e enfermeiras que tá sendo feita por uma voluntária alemã. Além disso, as escolas também reabriram esse ano.

23 de fevereiro nossos amigos suíços partem amanhã. Eles vão pra Qamişlo por quatro dias, e na sequência se juntam a um tabur no fronte que está em combate. Dominar a língua os ajudou muito, creio eu, além de terem um estado de espírito excelente.

Existem dois frontes maiores por enquanto. Os YPG-YPJ recuperaram a cidade de Sechde (fronteira com o Iraque), um voluntário alemão morreu nos combates, eliminado por um sniper do Daech³ – ao menos é isso o que parece, segundo as informações que recebemos. O Daech se vê agora privado de sua rota logística entre Kobanê, Mossul e Raqqa. Mas, se por um lado, a cidade se encontra agora em nossas mãos, isso também não significa que está inteiramente segura: é preciso considerar que os

barbudos ainda podem invadir com carros-bomba, além das inúmeras armadilhas que eles deixaram no conjunto da cidade e em seu entorno.

Ontem chegaram mais dois caras, um francês que vive na Inglaterra e que já vem pra cá pela segunda vez, e um americano. O francês já parte amanhã pro seu tabur. O ianque vai começar o treinamento e então deve se juntar à nossa turma até o fim desse ciclo.

Choveu durante todo o dia **24 de fevereiro**, impossível fazer qualquer atividade ao ar livre sem ficar encharcado ou ter um quilo de argila grudada em cada pé de sapato. Daí os treinadores nos deram o dia livre, o que me permitiu estudar um pouco mais de curdo e fazer pra vocês um postsobre o Tekmil⁴.

Também ficamos sabendo que Pitt Bull e eu seremos enviados pra um tabur curdo no fronte onde dois ex-legionários já estão há vários meses, e que eles mandam muito bem no curdo. Parece que ao total somos oito "legionários" tomando Rojava, e uma dezena de franceses presentes aqui neste momento.

Pedi para que antes de partir nós pudéssemos passar alguns dias em Qamişlo. A priori será aceito.

25 de fevereiro Nosso penúltimo dia de formação. O americano (que disse ter feito dois anos em Tsahal) não conseguiu acompanhar nosso ritmo e pediu arrego. É, realmente, deve ser mesmo difícil pra alguém que não sabe nem fazer flexões, ou correr, ou marchar em formação tática, ou que chora pela mãe por causa de uma bolha no pé, de se manter sereno em meio a toda essa gente em treinamento aqui. Tem gente aqui que ficou seis meses em batalha em Kobanê, sendo que três desses meses foram extremamente intensivos. Só pra registrar, os YPG-YPJ perderam mil combatentes pra defender essa cidade, metendo uns 17 mil barbudos no saco. Resumindo: se você não tem cabeça e não tá pronto pra se sacrificar se for o caso, é melhor ficar em casa. É o segundo imbecil desses que vemos por aqui: os dois eran ianques, jovens (vinte e um anos) e um tanto perturbados – ficavam zanzando pelo acampamento à espera de voltar pra casa.

			_
1			1

Já faz pouco mais de três meses que chegamos ao Curdistão.

Nossa aventura começou com dois meses de curso intensivo pra adquirir as bases do kurmanjî, absolutamente necessário pra vida social aqui. As aulas foram boas. Mas é importante lembrar que essa não é uma língua institucionalizada, por isso a gramática e a ortografia dependem totalmente de quem te ensina. Quase não existem dicionários. Também é comum que os professores nunca tenham eles próprios frequentado a escola — muito menos pra aprender curdo (a língua foi proibida na maior parte dos países onde é praticada). A isso se somam condições materiais no geral bastante precárias (as salas de aula, lousa ilegível, material didático medíocre, etc). Mas o entusiasmo dos curdos quando te ouvem falar a língua deles faz estes pequenos mal-estares compensarem totalmente.

Então, depois de dois meses de teoria, era hora de colocar tudo em prática. Tomamos a estrada pra Rojava pra nos juntar aos famosos YPG-YPJ. Depois de uma travessia mais do que épica pela fronteira sírio-iraquiana (que por si só merece um texto), finalmente chegamos à academia militar para estrangeiros, pra começar um novo ciclo de formação.

Encontramos por lá mais de vinte ocidentais, a maioria antigos soldados da OTAN (americanos, britânicos, irlandeses, israelenses, etc). Esses "ocidentais" são fonte pra um monte de problemas no fronte. A mentalidade "cowboy" os torna uns perfeitos colonos, desprezadores e desprezíveis ao mesmo tempo. Eles passam o tempo todo se queixando da falta de conforto e de recursos, enquanto glorificam seus passados de soldados viris no seio dos exércitos mais ricos do mundo. É claro que ver-se no fronte de uma das milícias mais pobres do mundo muda o jogo pra esses mercenários, acostumados a bons salários e a comer burger king no acampamento.

Felizmente, mesmo entre esses, não existem só cretinos. Têm também camaradas que, como nós, decidiram vir pra ver com os próprios olhos a revolução de Rojava, e isso é bem reconfortante. Na Academia também tivemos uns encontros legais, dentre eles com dois ex-legionários franceses, que eu já cumprimento como amigos.

Terminou nosso treinamento, e já estamos nos preparando pra nos juntar ao nosso grupo de combate pra participar das operações da primavera. Continua...

D.I.

#3

26 a 28 de fevereiro 2016

26 de fevereiro nosso último dia de formação: último exercício tático, última marcha e última aula de curdo. Se hoje à noite a conexão rolar, vou tentar enviar pra vocês em pdf⁵ as anotações gramaticais e de vocabulário que aprendi nesses últimos doze dias.

Os treinadores têm nos dado parabéns. Eles gostaram muito da nossa postura no cotidiano, da nossa coragem e força de caráter durante toda estadia aqui, e também da nossa facilidade de adaptação em qualquer circunstância. Pra eles, nós estamos prontos, e agora somos parte integrante dos YPG.

Hoje, **27 de fevereiro**, é nosso último dia na academia. Tivemos um tekmil com o comandante e os instrutores pra falar das nossas aspirações em comum. Recebemos deles os mesmos cumprimentos que recebemos ontem. Eles tão impressionados com os Legionários, parece que os seis camaradas que passaram por aqui antes da gente foram super admirados pelo grupo. Além disso, a gente definitivamente destoa do espírito dos americanos, que se acham os donos do mundo desde sempre e por isso nunca estão muito abertos à cultura dos outros.

Tudo o que a gente pede a gente consegue como agradecimento. Amanhã vamos partir pra Qamişlo pra uma estadia de quatro dias. Vamos tentar arranjar uma assinatura de internet na cidade. Pitt Bull deve comprar algumas coisas, tipo um relógio de pulso. Já eu, to querendo contatar uma médica alemã que está fazendo uma formação para enfermeiros. Além do quê, quatro dias de repouso até nos juntarmos ao nosso tabur vai nos fazer muito bem, até porque depois disso vem o fronte, e já estamos ligados das

operações que vêm por aí. Deixamos pra trás nossos passaportes, assim como tudo o que achamos precioso. Foi tudo registrado, assinado e colocado num envelope. Vamos recuperar tudo quando voltar.

Recebemos nossas anotações, as famosas mensagens escritas das quais já tínhamos tanto ouvido falar. Nada de meios sofisticados pra transmissão de informações, nenhum problema com escutas telefônicas ou rastreamento informático: apenas dois simples bolos de papel a serem remetidos, um pro tubib⁶, outro pro comandante do tabur. É assim que há mais de sessenta anos funciona a guerrilha curda, é desse jeito que dados importantes são passados adiante. Estas anotações que recebemos tratam, presumo eu, de avaliações sobre nosso treinamento. Pitt Bull acha o mesmo. Apenas os destinatários poderão ler, pois elas vão fechadas e lacradas. Quando, no futuro, deixarmos nosso tabur, teremos igualmente outra anotação da parte do nosso comandante direcionada ao responsável do próximo lugar pra onde formos.

Preciso ainda preparar minha mochila pro combate. Deixo aqui meus pertences civis e tudo o mais que não preciso, guardados para a próxima etapa dessa nossa temporada e missão no seio dos YPG.

Bom fim de semana a todos.

C.C

#4

Depois de alguns dias em Qamişlo, partimos em direção ao fronte. Atravessamos vilarejos e as crianças corriam em bando atrás do nosso jipe, cantando "YPG", levantando seus pequenos dedos em V, sorrindo. Enquanto nos aproximávamos do fronte, passamos por vilarejos inteiramente abandonados ou destruídos pela metade durante os combates.

Atravessamos os checkpoints dos asayis (polícia da milícia recrutada entre as populações locais) e então chegamos a uma fortaleza.

Em forma de triângulo, com paredes de 4m de altura feitas de terra e sacos de areia, cercada por uma trincheira de 3 a 4 metros de largura e 4 metros de profundidade, que protege de eventuais carros-bomba. Durante um ataque inimigo algum tempo atrás, um carro-bomba explodiu do lado de fora do acampamento e ainda é possível encontrar seus estilhaços espalhados ao redor.

O acampamento está situado numa zona de língua árabe. Estamos aqui para proteger uma estrada asfaltada e guardar seu acesso. Alguns vilarejos ao norte e a sudeste apoiaram às milícias do Daech. Faz uns meses nossos camaradas YPG-YPJ descobriram neles estoques de explosivos e minas artesanais.

Todas as manhãs uma esquadra de camaradas parte a pé pela estrada pra verificar os 12km que nos separa do checkpoint mais próximo, afim de limpar a rota de eventuais minas e ou de barragens inoportunas.

Desde que o fronte chegou nesta área o vilarejo está vazio. O monitoramos dia e noite, pois ele pode oferecer uma boa cobertura prum ataque inimigo.

D.I.

28 de fevereiro Eis o grande dia da partida! Seguiremos adiante, indo de surpresa em surpresa.

Tomamos a estrada lá pelas 8 horas em direção a Qamişlo. Uma kombi Renault estafette vem nos buscar. Chegamos ao destino lá pelas 10 horas, numa espécie de base.

Lá eles me pedem pelas notas pro tubib, que eu entrego. Depois de finalmente matar a fome, passamos um bom tempo esperando num dos incontáveis quartos daquele lugar.

Uma hora e meia depois nos pedem pra subir num carro, que pega a estrada até o momento em que me dou conta de que estamos deixando Qamişlo. Eu tento dizer pro motorista que deve estar havendo algum engano, que ainda temos umas reuniões marcadas na cidade. Impossível de se fazer entender.



Seguimos então em direção ao sul pra enfim chegar a Til Temir, a cidade que aparece naquela reportagem "mercenários idealistas contra o Daech".

A cidade foi retomada há mais ou menos sete meses. Estamos na periferia daquilo que antes fora uma estação de tratamento de água, e hoje dá lugar a um acampamento de repouso para combatentes feridos. Nos contam que três dias antes todos os taburs que estavam lá partiram, logo após a um ataque do Daech num setor de Shaddadi. Temos que esperar aqui por R., que pede nossas anotações pra remeter ao comandante. Eu hesito a dar, já que era quase que nossa única garantia de que iríamos ao lugar que tínhamos escolhido ir, mas enfim... eu não tinha muita escolha.

A coisa boa foi que encontramos os suíços por lá. Mas eles mal tiveram tempo de contar sobre a estadia deles em Qamişlo que logo pediram pra gente subir de novo num carro, que nos levaria a um acampamento militar YPG/YPJ. Este estava instalado numa antiga área agrícola que, a considerar pelos vários prédios que originalmente serviam de armazéns, deve ter sido em alguma época importante. Lá pudemos admirar alguns exemplares de veículos militares, como os órgãos de Stalin, escavadeiras blindadas, etc. Eu já tinha visto essas máquinas em algumas reportagens sobre Rojava e, assim que colocamos os pés numa oficina, vi que era exatamente o mesmo lugar da reportagem que mencionei acima, onde o francês chama atenção para a DShK.

Pouco depois, outra supresa: os suíços se juntam a nós e partiremos todos juntos para o mesmo tabur. Trata-se do agrupamento do comandante Kurtay. Estamos na linha de frente.

Ao contrário de como agem os peshmerga⁷, estar na posição defensiva aqui não significa uma situação homogênea. Se por conta das fortificações, das trincheiras e da posição dominante na área, o acampamento parece intomável, tem também o fato de que ele está isolado. Mas isso não impediu, por exemplo, que seis meses atrás o tabur que estava aqui saísse sem a menor preocupação para realizar um ataque ao Daech, que durou três dias e eliminou do combate pelo menos uns vinte inimigos.

De 29 de fevereiro a 4 de março 2016

Os dias e as noites vão se encadeando sucessivamente.

Despertar às 5h, café da manhã às 6h. Em seguida uma batida até as 8h30. Eu geralmente aproveito desse tempo pra ir ao banheiro. Depois temos curso de armamento ou outra atividade até as 11h30. Aí é hora da "sopa". Depois temos uma pausa e até às 13h30, quando retomamos os tiros ou fazemos outra coisa até às 16h30. Então já é hora da sopa de novo. Logo depois, lá pelas 17h30, já cai a noite.

É basicamente este o ciclo de 24h, sendo que cada um ainda fica 2h de guarda durante o dia e mais 1h30 durante a noite.

O acampamento está dividido em duas partes: de um lado YPG e do outro YPJ, cada um com um(a) comandante que formam um binômio. Somos cerca de trinta pessoas (vinte homens e dez mulheres), a maioria jovens, alguns até parecem menores de idade. Talvez por conta do fato de a guerra ter feito inúmeros órfãos, ou instituições como a escola só terem reaberto há pouco, em parte esse cenário explique tal situação. Ainda assim eu fico mal só de pensar que essas crianças podem acabar enviadas pro combate.

Recebemos nosso armamento individual (kalachnikov) e cinco cargas de trinta cartuchos pra cada, além de duas granadas (uma ofensiva e uma defensiva). Essa é a dotação para cada um, além de um colete de combate para aqueles que ainda não têm. Eu e Pitt Bull colocamos miras telescópicas nas nossas armas quando passamos pela oficina pra reajustar o protetor de culatra com o trilho picatinny. Ainda falta regular as lentes, mas parece que isso já está previsto pros próximos dias.

O conjunto de cursos, exercícios táticos e de tiro é feito em comum entre meninas e meninos, mas os grupos de combate não são mistos. O que me surpreende, e até mesmo me preocupa, é que de todxs essxs combatentes, pelo menos metade não está nem um pouco pronta pro combate, tanto física quanto taticamente (a nível de tiro então...). Nós deveríamos partir logo menos para libertar as cidades ao



entorno de Kalabrousse, mas este treinamento aí está me parecendo frouxo demais pra pôr tanta coisa em operação num espaço tão curto de tempo.

Agora uma coisa explica a outra: tivemos notícias dos taburs que partiram pro confronto contra o Daech em Shaddadi. Bom, de fato, duas centenas de barbudos foram mortos. Ainda assim tivemos uns quarenta mártires do nosso lado, o que é, ao meu ver, um número bem pesado.

C.C.

#5

5 a 12 de março de 2016

Parece que finalmente terminou nossa formação no tabur. Exceto as guardas, não acontecem mais atividades específicas e cada um se ocupa do que quiser. Os voluntários estrangeiros (somos seis aqui) aproveitam desse tempo de descanso pra ajustar as armas, fazer esporte, etc.

Dia 8 de março foi dia da mulher, o que aqui tem uma conotação toda especial. Fomos para outro posto avançado, ao lado de Serekanye, pra participar de um encontro entre YPG e YPJ e algumas personalidades locais do partido. Discursos sobre os direitos da mulher, peças de teatro satíricas, cantos e danças. A cultura curda foi salva do desaparecimento graças às canções, já que nos quatro países em que se encontra (Iraque, Irã, Síria e Turquia), o curdo não existe oficialmente e até muito recentemente era violentamente proibido. Estamos vivendo até hoje com pessoas que não existem, sem nação nem língua oficial.

Nesses últimos tekmils, nós (voluntários estrangeiros) temos insistido sobre a formação e a disciplina. Em quatro dias já sentimos alguma mudança. Depois de acordar é feito um chamado a todos do tabur e na sequência tem um tempo de esporte pra todo mundo. Da minha parte, dei início à formação de socorrista (voltarei com um post adequado sobre esse assunto) e já comecei a praticar alguns tratamentos.

Como já disse antes, estamos num fronte onde o perigo é constante e bastante real. Mas não há, da nossa parte, confronto direto com o Daech. Nos próximos dias outro tabur deve vir nos substituir nesse acampamento, e então nós iremos pra área de contato.

Trocamos de comandante de tabur e agora temos um comandante específico pro fronte.

Pra terminar, aí vai um primeiro post sobre os quadros do partido, que ainda deve ter uma segunda parte para falar os nomes dessas grandes mulheres e homens que abandonaram tudo pela causa. É sábado, bom fim de semana a todas e a todos.

Os quadros – primeira parte

Hoje vamos falar dos quadros nos diferentes partidos curdos.

Os quadros, ditos "cadros", são as pessoas que decidem consagrar suas vidas ao partido ao qual se unem. Há uma grande diferença em relação aos simpatizantes (como nós), pois as regras do serviço não são as mesmas. Os quadros juram servir ao partido e à causa curda até a libertação do Curdistão e enquanto Öcalan não estiver livre.

Os quadros abandonam toda vida privada e familiar. Não possuem nada e estão inteiramente à disposição do partido, que os mantém. Representam o exemplo para o resto da população e para o exterior. Por isso, as regras de vida são estritas (nada de álcool, nada de drogas, formação ideológica pesada, etc). A formação dos quadros nunca termina, e engloba o conjunto das estruturas militares, econômicas, políticas e sociais do movimento. O motor que move essa gente é "perwerde, perwerde" (formação contínua, o tempo todo).

Ao contrário dos simpatizantes, os quadros têm acesso às formações mais avançadas do sistema, seja na academia militar ou política. Eles acedem aos postos de responsabilidade com bastante rapidez,

seja nos taburs ou fora deles. O que às vezes pode dar em problemas, pois já vimos por aí quadros muito jovens, um tanto inexperientes e imaturos, querendo dar ordens aos simpatizantes velhos de guerra, que vêm do exterior e dominam muito bem sua profissão e suas técnicas.

Os quadros são polivalentes e não respondem a uma função precisa. Durante toda sua trajetória eles irão trocar de postos e funções várias vezes. Não é raro ver quadros de mulheres que já participaram de combates entrarem para a organização da reabertura de escolas, e depois realizarem outra missão social ou econômica.

"Partî zani!" ("o partido sabe!") é uma ideologia típica desses quadros que consagram seus corpos e almas à causa partidária e que, desse modo, não têm nenhuma projeção pessoal de futuro, deixando suas decisões aos cuidados do sistema. Assim, o Partido sempre lhes pergunta o que querem (o que é diferente de uma ditadura), mas é ele que, em última instância, acaba estabelecendo e decidindo o destino de cada um. Mas de maneira geral, o Partido acata totalmente a demanda de cada indivíduo.

No caso de um indivíduo do quadro decidir abandonar este caminho, ele é livre para fazê-lo. Seria preciso, entretanto, redigir uma autocrítica sobre os motivos e as aspirações para a saída do partido. As causas podem ser múltiplas, o que possibilita certa liberdade de decisão individual.

Sem ter nenhuma propriedade, nem dinheiro, nem bens, o quadro que não puder mais exercer suas responsabilidades concretas em campo, por causa da idade ou por questão de saúde, por exemplo, continua a ser mantido pelo partido em casas de repouso coletivas, permanecendo assim ativo, com funções à medida de suas possibilidades (escrever canções, tradução de textos, etc).

C.C.

Há alguns dias, os moradores dos vilarejos tentaram furar nossa barragem para ir ao gund⁸ que fica atrás do nosso checkpoint. Foram necessárias muitas horas de discussão e uma rajada de kalashnikov (pro alto) para dissuadi-los. O vilarejo está minado e não podemos, por razões táticas, deixar a população se instalar entre as linhas do front – ou arriscaríamos atirar em civis. Prometemos a eles que em alguns dias abriríamos passagem. Antes era preciso que as unidades de inteligência desminassem o lugar. Os moradores voltaram em peso. Abrimos a passagem só até o final da tarde. Estava proibido se reinstalar nas casas vazias, só era permitido recuperar algumas coisas e partir. Essa situação nos coloca em um papel complexo e delicado. Isso porque impedimos que civis voltem pras suas casas. E ainda que a guerra deixe traços bem visíveis por todo lado, é difícil pra gente não se sentir como invasores. Os YPG e YPJ são muito confrontados nesse tipo de situação. E é claro que uma atitude injusta ou inadequada jogaria toda essa gente nos braços do Daech. Daí a importância primordial dos asayis, recrutados em meio às populações locais, que também seguem formações ideológicas.

Nosso cotidiano gira basicamente em torno das refeições e das horas de guarda. Rumores circulam e prometem que em breve partiremos para uma operação.

D.I.

#6

De 12 a 20 de março de 2016

Dei curso de primeiros socorros durante o dia todo, montei um cronograma bem cheio de exercícios práticos de combate.

Era umas 16h30 quando chegou um caminhão basculante ao nosso acampamento. Fomos advertidos a fazer as malas e a tirar tudo dos manges⁹: colchões, cobertores, etc.



E como é que rapidamente se esvazia um acampamento curdo? É espantoso, uma desorganização geral, pode-se até falar em caos. Resultado da correria: um ferido (pé quebrado) pela queda de um gerador no chão. E no meio de todo o tumulto não havia nenhuma informação precisa sobre o que estava acontecendo. Já era tarde da noite a hora em que o efetivo finalmente conseguiu subir inteiro no caminhão. Pra melhorar ainda mais a situação, todo mundo foi muito mal ajeitado, só um quarto ia sentado e o resto estava de pé ou deitado.

Percorremos quase 20 km até chegar a outro vilarejo abandonado, onde estabelecemos outro acampamento, na mesma desordem. Não saberia dizer quem, da parte dos voluntários estrangeiros, ficou mais puto com essa batida em retirada insana. Foi montada uma guarda num ambiente em que chegamos de noite e que ninguém conhecia.

A instrução é muito clara: se ver qualquer coisa, não atire.

Na manhã seguinte pedimos um teckmil com o comandante. Infelizmente já tinham várias reuniões previstas nesse dia entre os taburs, então aproveitamos pra limpar muito bem nosso novo espaço, que tava bem precisando. Com nossa equipe de "estrangeiros" aproveitamos pra visitar o vilarejo abandonado. Encontramos na mesquita propagandas do Daech. Os combates foram pesados aqui, se vêem os estigmas por todos os lados. Também vimos dois veículos do Daech atingidos por um míssil cada. O calor da explosão foi tão intenso que tanto o pára-brisa como o motor fundiram. Um grupo voltou ao antigo acampamento pra recuperar uns materiais que deixamos lá. Ao chegarem, constataram que o lugar havia sido saqueado, levaram tudo o que restava, até mesmo a menor sucata, e aquele gerador deixado pra trás tinha sido roubado.

Em **14 de março**, nós (os voluntários estrangeiros, pois os curdos haviam partido para um civîn¹⁰) deveríamos organizar a chegada de uns cinqüenta gundis¹¹, sem ter nenhuma instrução precisa deixada por parte da hierarquia. Só pra vocês terem uma ideia da situação, nos encontrávamos cercados por essa

gente que só fala árabe, em um campo que supostamente deveríamos defender e proibir o acesso. No fim, os suboficiais acabaram assumindo a posição que cabia a eles, já que antes estes senhores, ao invés de estarem presentes ao nosso lado, estavam de boa comendo e vendo TV num mange. De noite, tivemos um tekmil com o comandante que durou quase uma hora, e pudemos formular todas nossas críticas em relação aos incidentes dos últimos dias.

Os YPG são uma organização muito jovem (tem menos de três anos) e reconhecem que, a nível organizacional, têm ainda muito a aprender e a pôr em prática. O funcionamento de guerrilha não facilita as coisas em relação a uma organização militar típica. Uma hierarquia tradicional talvez ajudasse, mas vai contra a filosofia não opressiva dos YPG.

Por exemplo, nossa partida na correria se deu devido a um correio que chegou de manhã mas que só foi aberto mais tarde. A comunicação precisa mesmo melhorar em todos os níveis. Foi aí que soubemos que a zona do antigo acampamento será daqui em diante gerida pela FSA (principal milícia síria contra Assad, de maioria árabe).

Também fizemos observações a respeito dos "suboficiais" do tabur, que não estão nem um pouco à altura do esperado. O incidente na chegada dos gundis é um exemplo típico. Nossa crítica foi bem recebida. Também nos esclareceram que, se efetivamente temos que obedecer aos nossos chefes de grupo, então outras ordens vindas de terceiros, se não parecerem razoáveis, não precisam ser consideradas. Por outro lado, se precisarmos de gente pra executar alguma tarefa, nós temos a autorização para lhes dar as instruções necessárias para este fim. E foi assim que pudemos aprender um pouco mais sobre a nova organização dos YPG.

Na base há o "time", que representa cinco pessoas, sendo uma delas responsável pelo grupo (aqui nós temos quatro times de homens e dois de mulheres). Em seguida, tem o "takim" que representa dois grupos, com um responsável supervisionando os dois (nós temos três takims, contando o das minas).

Acima se encontra o "buluk", que representa dois takims (há aqui apenas um buluk de homens, o nosso). Daí então vem o tabur, que representa o conjunto de todo o pessoal, quer dizer, o buluk YPG e o takim YPJ. Os homens são representados por um comandante masculino e as mulheres por uma mulher. O tabur representa ao entorno de trinta pessoas.

Nós fazemos parte de um batalhão de quinze taburs. É o batalhão Hareketleri. Quando chegamos aqui, grande parte dele tinha partido para a operação de Shaddadi. Nos encontramos então no fronte, como base de retaguarda. Tendo essas operações de Shaddadi sido, por assim dizer, terminadas, o batalhão está se juntando e remontando o fronte. Os taburs que estavam em combate agora vão ficar na base de retaguarda, e seremos nós, assim como os outros taburs que também ficaram em standby, os enviados para as próximas operações menores, antes da ofensiva maior que se prepara.

Na manhã de **15 de março**, fizemos de novo as malas e demos lugar a outra unidade dos FSA. Desta vez a retirada aconteceu em relativa ordem. Recuamos mais ainda e estamos agora na periferia de Tel Temir, que se encontra a menos de 1km do vilarejo abandonado em que estávamos.

Pessoalmente, eu fui tido como condutor dos "suboficiais" do tabur, o que me permite ir ver os outros taburs do entorno e ter outros elementos de informação, que eu compartilho com o nosso grupo de voluntários estrangeiros. Soubemos que, durante o retorno da missão de Shaddadi, tivemos mais duas baixas no seio do batalhão. Os caras passaram com o carro sobre uma mina, na região de Heseke.

Os quadros (2ª parte)

A finalidade dos quadros é construir uma sociedade sã. O princípio de base é a Liberdade e a Igualdade, conceitos fundamentais de todo elemento constitucional. Por isso os quadros utilizam um vocabulário que faz referência à natureza (à ecologia em amplo sentido, que entende que cada biótipo é típico de

seu ambiente, portanto cada região deve ser respeitada em suas particularidades, tais como a língua e a cultura). Tal conceito se opõe ao sistema capitalista, que se orienta em direção a uma globalização geral dos recursos e dos seres humanos. O capitalismo, por seus efeitos perversos, não pode valorizar a herança ancestral das comunidades, sobretudo das menores.

O movimento curdo tem uma filosofia que tende a uma mistura entre o socialismo e a democracia, mas que não é a social democracia tal como conhecemos num sistema político de tendências liberais e ultra liberais. É apenas através da democracia que esta filosofia de socialismo e democracia pode encontrar seu meio de alcançar a liberdade. Não há democracia sem liberdade, e vice-versa. Do mesmo modo, ao termo democracia é preciso entender a igualdade entre cada humano e comunidade, quaisquer que sejam sua religião, sexo ou cor da pele. A liberdade sem igualdade, como conhecemos em nosso sistema, conduz a um individualismo narcísico. A igualdade sem a liberdade destrói os valores humanos.

A ideia do liberalismo deveria conduzir a uma responsabilidade individual, mas esse conceito engendrou uma sociedade de indivíduos irresponsáveis. Isso se dá pela via da constituição, do texto das leis, sempre fundados em liberdades individuais monopolizadas por sistemas políticos a fim de retirar das responsabilidades individuais sua relação substancial com o coletivo. Isso conduz a uma atomização da sociedade. Esta situação representa perigos como a perda dos valores de identidade, de comunidade. O individuo estando assim isolado pode ser facilmente manejado e manipulado.

A herança humana, sua história social desde a gênese, que atravessa os séculos desde as primeiras civilizações, deve ser considerada. É assim, através de seu estudo, de seus conceitos, que poderemos atingir a um sistema de socialismo e democracia.

O amor do gênero humano é de uma importância capital na filosofia curda, tanto no sentido de ter uma atitude civilizada diante de todos, quanto no de evitar a armadilha de tornarem-se eles próprios opressores dos mais fracos e oprimidos. A esperança de Rojava é que o nascimento de sua própria filosofia

política, ainda que feita na dor de um contexto de sangue e de guerra, possa conduzir ao termo uma sociedade sã e feliz, que poderá ser um modelo no tempo para outras comunidades pelo mundo. Sobre este filho de democracia em gestação, é responsabilidade de todas as potências e instituições mundiais permitir que ele possa de fato nascer, crescer e se reproduzir.

C.C.

Saímos do nosso acampamento na linha de frente. No meio da noite e no maior stress, um caminhão chegou com a ordem de carregar todo equipamento e deixar o campo o mais rápido possível. Em menos de uma hora empacotamos as mochilas e desmontamos tudo. O stress todo deixou um ferido (um gerador esmagou seu pé). Chegamos de noite num vilarejo, tomando nova posição. Depois de escolher uma casa para abrigo, e de ter limpado tudo, pudemos começar o revezamento das guardas e dormir. No dia seguinte, nossos camaradas curdos passaram o dia em reunião para discutir as novas funções e as informações recebidas pelo comando. Nós (estrangeiros, não-quadros) aproveitamos para visitar o vilarejo abandonado.

A vila havia sido tomada pelo Daech, o chão tava coberto de cartuchos, aqui e ali se viam traços de combate. Encontramos diferentes tipos de materiais pertencentes aos milicos do Daech, como folhetos falando das punições para as relações sexuais fora do casamento ou ainda falando das regras para seguir nas rezas. Eu peguei algumas dessas coisas e tô pensando em dá-las de presente quando voltar, talvez aos camaradas do infoquiosque... No dia seguinte os camaradas continuaram os ciclos de discussão e então partiram para a base do nosso "batalhão", que fica a alguns quilômetros de distância. Nós ficamos no posto do vilarejo, aguardando seu retorno. Algumas horas depois deles terem partido, começaram a chegar dezenas de caminhões ao vilarejo. Civis e homens armados (dentre eles algumas crianças) começaram a desembarcar materiais. No começo nós ficamos um tanto em choque vendo aqueles milicianos chegarem, tomamos nossas posições de combate, e já estávamos prestes a abrir fogo caso houvesse ameaça ao nosso acampamento. Daí apareceu um comandante YPG. Ele

veio acompanhado do comandante da milícia (que se revelou partidário da FSA) e nos explicou que o vilarejo é um vilarejo árabe e que o YPG em coordenação com a FSA organiza a realocação das populações deslocadas. Nossa unidade não estava sabendo, mas esta operação havia sido planejada já há muito tempo entre os moradores, a FSA e os YPG. Então nós baixamos a guarda e preparamos nossas coisas para partir outra vez, agora para um pouco mais longe. Nosso "domicílio" atual está situado nas proximidades de uma pequena cidade encruzilhada no cantão de Qamişlo. Estamos ocupando um pequeno vilarejo abandonado. Segundo os camaradas, este vilarejo apoiou o Daech, e seus habitantes não vão mais voltar. De volta da operação em Shaddadi, contamos as perdas e sentimos as feridas. Ontem ainda dois camaradas caíram *Şehîd*¹², passando com o blindado em cima duma mina IED, enquanto iam embora do fronte.

D.I.



De 21 a 28 de março de 2016

21 de março é o Newroz, ano novo curdo. Nos quatro países em que este povo está presente, assim como na Europa e mundo afora, este dia especial é festejado com mais ou menos liberdade. Ontem a noite teve no nosso tabur uma grande fogueira, alegre e super ecológica (uma pilha de pneus incendiada com gasolina). A real é que madeira é uma das maiores ausências na paisagem daqui, culpa da estrada de ferro que os franceses construíram no início do século XX, que desmatou toda a região de Rojava (até então super arborizada). Os YPG e YPJ cantaram e dançaram em volta do fogo. Em relação à dança, a gente acompanhava aos passos mais complexos com uns mais simples; ainda precisamos de umas aulas pra não trançar as pernas.

Esperávamos ir à cidade para ver a população festejar, mas infelizmente não nos deram permissão por questão de segurança. Fomos então ao encontro de todo o grupo de taburs na base da brigada, para uma reunião política seguida de festa. Isso nos permitiu encontrar outros voluntários estrangeiros, dentre os quais mais um francês (de origem bretã), professor estadual, que estava trabalhando antes no Iraque. Também um belga de Anvers. Os outros voluntários são quase todos americanos, e vêm pra cá por meio do grupo "Lions of Rojava". Pudemos trocar ideia sobre a situação em Shaddadi e o que aconteceu por lá. Vários dos nossos faleceram por imprudência por causa das minas e armadilhas plantadas em toda parte pelo Daech. Pudemos ver três veículos, dos quais dois carregavam DShK's estragadas por um ataque surpresa que aconteceu ontem durante o caminho de volta.

Os dias seguintes se desenrolaram na espera. A espera é longa e sem informações precisas. Precisamos de qualquer jeito arrumar o que fazer, ou o tédio se instala e, junto com ele, um baita baixo astral. Aproveitamos para visitar os vilarejos abandonados ao redor do nosso campo, alguns pertencentes aos assírios, cujas igrejas e estátuas da virgem foram destruídas pelos barbudos de turbantes. Aproveitamos também para afinar entre os voluntários estrangeiros a progressão tática, mesmo sabendo que não estaremos nos mesmo grupos quando chegar a hora, o que é um problema. Na real estamos muito preocupados com as progressões que treinamos com o tabur outro dia.

Ficamos sabendo do atentado à Zaventem na Bélgica e tivemos a convicção de que quanto menos desses malucos de deus voltarem à Europa, melhor estaremos. A operação já está ficando mais precisa: um tabur precursor já partiu, e em todos os níveis as reuniões estão acontecendo de maneira mais concreta, mas nada além disso. Espera, como sempre. Hoje é Páscoa, mudamos de fuso horário (+1h) e oferecemos ao nosso tabur um cordeiro pascoal à nossa moda, feito com o que temos. Nenhum de nós aqui é crente, mas o prazer que temos em nos organizar e inovar com os sistemas D para chegar a um resultado... isso permite que a gente se aproxime um pouco mais, entre a gente e com eles. Eles ficam muito tocados com a atenção e o cuidado que temos com eles, ainda que tenham dias, ou às vezes por conta do nosso amadorismo e de uma cultura que está para além de nós, que seja difícil. É verdade que uma revolução não se faz em alguns dias, e que ainda tem muita coisa a se fazer em todos os domínios. Nossa cultura europeia nos impulsiona a fazer tudo rápido, enquanto aqui a mentalidade é sempre "tomorrow in'ch Allah" (que tem também suas vertentes). Nossas críticas são na maioria das vezes levadas em consideração, e houve uma transformação real desde o momento em que chegamos aqui, um mês atrás, e agora. Mas bom, não fica só nisso: temos muito trabalho ainda!

Amanhã vamos tentar nos conectar à internet pra enviar isso tudo pra vocês.

C.C.

Lacunas militares e exploração de gund

Já faz duas semanas que estamos parados perto duma cidadezinha na encruzilhada de grandes rotas de abastecimento. Passamos nosso tempo como dá, enquanto nossos camaradas fazem os cursos ideológicos do partido. Sendo nosso nível de curdo insuficiente pra compreender corretamente as aulas, o pequeno grupo de estrangeiros que formamos (6 voluntários internacionais) se propõe a explorar os vilarejos abandonados ao entorno da nossa posição.

O primeiro deles se revelou uma verdadeira fortaleza. Com aparência normal, tem uma linha de defesa

eficaz feita pelos milicianos do Daech. As casas às margens da estrada são reforçadas com sacos de areia, e posições de tiro foram dispostas em localizações estratégicas. Sobre toda a linha de defesa, trincheiras foram abertas entre os jardins e os campos, comunicando os pontos de defesa e permitindo aos nossos inimigos que se deslocassem com cobertura sem serem vistos. Nas posições abandonadas, encontramos diferentes objetos de propaganda e/ou pixações à glória do estado islâmico. Algumas dessas pixações já foram tapadas pelos camaradas que nos antecederam por lá.

Outro dia fomos explorar um vilarejo cristão que tinha sido tomado pelo Daech. A igreja da vila e a cruz são visíveis a quilômetros, dão pra ver desde o nosso acampamento. Para chegar nelas, tivemos que primeiro atravessar outro vilarejo cristão. A diferença da condição econômica é muito evidente aqui; se vê tanto pela arquitetura com melhor acabamento quanto pelas máquinas agrícolas espalhadas por toda a vila, que são caras. O estilo das casas lembra o sul da Europa. Nas ruas nos deparamos com algumas estatuetas, efígies dos reis magos ou da virgem Maria. Todas foram profanadas com as cabeças cortadas.

Quando finalmente chegamos perto da igreja (dinamitada pelo Daech no domingo de Páscoa de 2015), constatamos que já não resta mais grande coisa. Só o telhado sustentado por algumas colunas sobreviveu à explosão. O altar tá no lugar, mas foram claramente os moradores que o concertaram. Alguns folhetos estão espalhados pelo chão, pegando em mãos nos damos conta de que estão escritos em aramaico. No caminho de volta, os moradores, com quem finalmente cruzamos, nos cumprimentam calorosamente. Um dos nossos caras atira no meio do campo e explica que encontrou uma mina. Depois de deixar a mina marcada com pedras e uma bandeira improvisada, nós chamamos os asayis e usamos nosso melhor kurmanjî pra lhes pedir pela intervenção de um grupo de sabotagem (equipes especializadas em minar e desminar). A exploração das cidades ao entorno nos permite enganar o tédio. Faz mais de duas semanas que estamos parados. Os dias são marcados apenas pelas guardas e refeições. Fora isso, temos que ser criativos pra encontrar ocupações. Os treinamentos táticos são quase inexistentes, e quando acontecem nos damos conta das lacunas militares dos nossos camaradas.

Uma simples cobertura no canto de um edifício pode sair catastrófica. Mas também pudera, nosso tabur nunca recebeu nenhuma formação teórica sobre guerra. Estamos pensando num meio de organizar uma melhora tática no grupo, mas os meios que temos são muito limitados...

D.I.

#8

7 de abril de 2016 Aproveito hoje para lhes enviar algumas fotos das relíquias do Daech que pegamos depois da retomada de Shaddadi pelos YPG e YPJ. (Parece que havia nessa cidade uma comunidade importante de barbudos francófonos...) [As imagens apresentadas foram descritas em texto]:

[Duas folhas de caderno destacadas (ainda com rebarbas) e presas na parede com durex. O texto está escrito numa caligrafia um tanto infantil e todo decorado de corações. Sob o título de "Pequeno Programa" aparece uma lista com nove itens ilegíveis. Sob o subtítulo "Religioso", uma citação de Allah. Sob o subtítulo "Se retomar em mãos", uma lista com nove itens, dentre eles instruções de esporte e tratamentos de beleza.]

Pequeno programa: que na verdade é um programa todo. O que está claro é que o Daech, tanto no combate como na vida privada, está petrificado no rigor e na disciplina. Esta determinação permitiu que tivessem supremacia sobre todos os outros na Síria e no Iraque, exceto sobre os YPG e YPJ, que têm esta mesma determinação.

[Inscrição na parede em canetão azul. Um texto de sete linhas em caligrafia cursiva dentro de uma moldura desenhada com motivos de flores e corações. No alto do "quadro", algo escrito em árabe e a data 22.05.2014]

Parece um louvor feito por uma menina a seu pai. Do meu ponto de vista, a respeito do conteúdo, tenho certeza de que se pode vender a alma ao diabo.

[Outra folha de caderno presa na parede com durex. Ao contrário das primeiras, esta tem as bordas recortadas. Ao entorno do papel, uma decoração rococó com o mesmo canetão azul rabiscada na parede. Um texto de 13 linhas está escrito em letra de forma, começando com um ponto de exclamação dentro de um triângulo (como um signo de advertência)]

Reflexões sobre a calúnia e a difamação. Do meu ponto de vista, e considerando o comportamento dos barbudos com seus pares e com os que não são filiados a eles, não resta nenhuma outra escolha senão se calar e aguentar.

[Foto de um exemplar do Corão sendo segurado com uma mão. A capa é preta com inscrições douradas em francês e árabe]

Edição de interpretação dos versos do Corão feitas por um xeique do Niger e editada na Arábia Saudita.

[Uma parede com diversas colagens de desenhos infantis e inscrições didáticas: nuvens coloridas escritas com o nome das cores, frutas e os nomes das frutas, os números, etc. Decoração própria de ambiente escolar]

As cores, as frutas. Não dá pra ser mais explícito.

[Um botton com o logo do Daech na palma de uma mão]

Botton do Daech usado por alguns dos combatentes

[Uma garrafa plástica azul caída no chão, envolta com um saco preto (que parece de lixo) com o logo do Daech pintado em branco]

Garrafa d'água com a efígie do ISIS!

C.C.



8 de abril de 2016 Hoje tive a confirmação de que Pitt Bull vai demorar ainda mais um mês pra se juntar a mim na unidade 223. Os dirigentes acham que este é o mínimo de tempo que ele precisa pra conseguir treinar melhor pros testes esportivos e perder peso. O que mais me incomoda é que agora que estamos em unidades separadas, tá muito difícil ter notícias dele. Ao mesmo tempo, acho que os dirigentes têm razão. Os testes esportivos são só uma amostra grátis do que realmente é o treinamento na unidade.

Neste primeiro momento somos quatro recrutas nos juntando à unidade; mais tarde chegarão outros dois. Esta unidade foi criada em outubro de 2015 por um americano, a pedido do alto comando dos YPG e YPJ. É a unidade avançada que, junto ao tabur "sabotagem", é enviada a todas as maiores operações militares - às vezes apoiada pelo tabur "sniper". Já ficou claro aqui que esta unidade se apresenta a ofensivas em que realmente entra em contato com o Daech. Dependendo das circunstâncias e do tipo de operação, ela é apoiada por alguns taburs YPG e YPJ, todos eles fazendo parte dos taburs móveis (também chamados heriketli). Desde sua criação, a unidade 223 tem estado presente em todos os combates maiores: Hawl, Kobanê (barragem de Timiçrin), e Shaddadi. Nesta última teve um sniper ferido (uma bala de DShK atingiu seu visor) e dois outros que passaram com o carro em cima de uma mina na estrada, voltando da operação.

A unidade 223 perdeu um homem (şehîd) na operação de Hawl. Era um canadense com nome de guerra curdo: ş Gabar. O nome da unidade é em memória a um şehîd estrangeiro que também caiu morto em Rojava em 23 de fevereiro de 2014: trata-se de ş Bagok, de nacionalidade australiana.

Para cumprir suas missões, a unidade 223 dispõe de uma gama ampla de materiais. O responsável de maior nível negocia a logística e nunca lhe recusam nada, mesmo que tome um tempo pra chegar. Desde caixas completas de primeiros socorros, individuais e coletivas, aos rifles Dragunov, passando por veículos de vários tipos, tudo é arranjado para o sucesso das missões. Num contexto de treinamento cotidiano e disciplinar ferrenho, misturam-se fuzileiros navais americanos e legionários, que estão bem representados aqui. Os uniformes são limpos na unidade, e ela possui suas próprias siglas e cores.

Aqui estamos em dois franceses, sendo que um já cumpriu completamente seu contrato (mínimo de quatro meses junto à unidade), e está prestes a partir; tem ainda, óbvio, um monte de americanos (eles formam a maioria do contingente), mas também espanhol, português, canadense, etc, que se apresentam seguindo as temporadas e segundo a necessidade de reposição do contingente que parte depois de ter cumprido seu tempo.

Não é possível se apresentar como voluntário diretamente para este tabur, você precisa ser convidado pelo responsável que tem lá suas entradas e informações especiais por toda Rojava. Na unidade se fala curdo e inglês, mas é em curdo que as ordens para combate geralmente são dadas, afim de coordená-las com os comandos das outras unidades YPG e YPJ que estão em campo.

As operações geralmente duram um mês, um mês e meio. Ao final, a unidade retorna aos seus próprios quartéis, que são separados e possuem todo o conforto possível: cozinha, máquina de lavar, água quente, ventilador, essas coisas. Tendo só soldados profissionais, reina lá uma higiene excelente, e as tarefas domésticas são feitas cotidianamente. O ambiente é legal e a hierarquia é direta, sem as tretas de ter que suportar os humores ou as ideias absurdas dos "subcomandantes Kronenbourg"¹³, tipos que conhecemos bem por aqui.

Durante o período em que fica no quartel, a unidade aproveita para reparar seu equipamento, treinar, melhorar o acantonamento e testar novos recrutas, chamados a juntarem-se a eles. Quando estes são aceitos, passam então por um teste probatório de 21 dias, dividido em duas partes: uma primeira semana de provas seguida por duas de convivência e entrosamento. Em caso de ferimento em combate ou algo assim, o membro da unidade que precisar de tratamento é transferido para uma clínica particular, seja na Síria ou no Iraque, ou mesmo na Europa se for o caso. Ele terá a disposição os melhores cirurgiões e estruturas adequadas para se curar. Em caso de baixa, seus últimos desejos serão realizados.

Então só pra concluir esta apresentação: eu, como os outros três companheiros que chegaram comigo, passei na primeira semana de "provas". Muitos elogios a meu respeito, fiquei orgulhoso em representar a Legião Estrangeira numa tropa de elite dessas, e contente com a imagem de profissionalismo que ela veicula pelos quatro cantos do mundo. Agora só preciso trabalhar meu curdo e meu inglês, que estão bem fracos pro nível esperado ao longo das operações, e isso não vai ser pouca coisa. Faltam mais duas semanas de testes, mas pelo menos agora chega de dormir na sala: aqui tenho direito, assim como meus camaradas, a ir aos quartos.

Dito isto, tive que deixar a unidade 223 depois de uma bobagem que rolou com meu chefe de equipe. Como uma única voz pode te tirar daquele tabur, então já era. Por ironia do destino ou não, ele é um legionário desertor. A partir de 12 de abril vou me juntar de novo com Pitt Bull e meu antigo tabur na linha de frente ao entorno de Shaddadi.

30 de abril de 2016

Bom dia a todos,

Antes de tudo, bom Camerone¹⁴ a todos meus irmãos de armas.

Os dias no fronte (sem entrar muito em detalhes) têm acontecido sem surpresas: bombardeamentos por morteiros do Daech, os YPG atuando abaixo das expectativas. Situações às vezes muito perigosas, a inexperiência em combate é patente.

Na volta, tomei a iniciativa de ir até a Academia fazer um balanço sobre diversos temas.

O que mais preocupa é esta fronteira bloqueada com o Iraque. É impossível passar por ela sem antes ter que experimentar a cadeia iraquiana, ser expulso do país e na sequencia proibido de voltar a pisar lá durante um ano.

Essas são as novidades da semana, mais tarde eu volto a estes temas com mais calma.

2 de maio de 2016

Bom dia a todos,

Finalmente, depois de um período ausente em função de várias missões diferentes, retomo este diário eletrônico para expor pra vocês um pouco da atual situação de Rojava e sua complexidade (quer dizer, segundo as informações que eu tenho).

Entramos no quinto ano da guerra. Isso quer dizer que todas as facções (exército sírio, YPG, etc) já perderam muito sangue. O exército de Assad está bombardeando Aleppo há dias, sem realmente estar ganhando terreno. As unidades de elite do Daech (tchetchena a maior parte) foram majoritariamente dizimadas, restam apenas combatentes "provincianos". Nos YPG, a mesma constatação: os bons fighters partiram pra outros frontes no Bakûr ou foram para o lado de Efrîn, onde agora os combates estão pegando. A linha de fronteira entre a Turquia e Rojava está literalmente cheia de soldados turcos altamente armados, apoiados por blindados leves e pesados. Cotidianamente ouvem-se tiros de armas pesadas nas cidades curdas fronteiriças entre estes dois países. Algumas cidades estão cortadas em duas (um lado fica na Turquia, outro na Síria). Tanto no Bakûr como em Efrîn estão proibidos voluntários estrangeiros. Assim, a grande linha de fronte ao sul de Rojava está mais ou menos estável: cada um tem sua posição e só a reforça.

No corredor de Efrîn (a oeste), a Al Nusra está perdendo terreno diante do Daech. Aqui este movimento islâmico é constituído essencialmente por turcomenos, o que dá à Erdogan um bom pretexto para entrar em Rojava.

A grande ofensiva que está prevista foi adiada devido à incapacidade da coalizão internacional (exceto a Rússia) em entrar em acordo; também pelas pressões incessantes da Turquia, que é contra. Erdogan não quer que Rojava reúna seus três cantões.



A Turquia sempre teve acordo com Barzani (Iraque) para que ele bloqueasse a fronteira com Rojava. É preciso saber, aliás, que o leste de Rojava é um antigo reduto do Barzani, e eles não apreciaram nem um pouco o fato de que seu bom ditador foi deposto e sua representatividade em meio às instâncias dirigentes sido reduzida a pó. Daí ele colocou sua própria guarda pessoal (pretoriana) sobre a fronteira. Então mesmo que alguns ainda consigam entrar em Rojava, é impossível sair daqui sem ser preso. Nesse caso, para qualquer estrangeiro isso significa uma pequena estadia na cadeia iraquiana (de dez dias a um mês) antes de ser expulso do país e proibido de voltar por pelo menos um ano. Ainda têm outras alternativas, mas fora a via diplomática, todas as outras continuam perigosas; para todos os cenários, porém, é preciso viajar com calma.

Os iraquianos tentaram retomar a cidade de Mossul há duas ou três semanas. Os americanos lhes aconselharam engajar pelo menos dez divisões na campanha. Mas infelizmente eles não conseguiram alinhar mais que duas... Resultado: uma nova Berezina¹⁵ do lado iraquiano.

Aos que ainda querem se juntar à Rojava, queria deixar claro que eu não sou uma agência de recrutamento, e sobretudo que a situação aqui anda cada vez mais tensa, considerando todo este contexto que acabo de explicar. As condições de vida aqui são difíceis, ora desagradáveis ou sem higiene. E quanto mais se avança em direção à linha de frente, mais essas condições se degradam. Por isso eu os aconselho, pelo menos por enquanto, a não aderirem aos YPG, mas ao International Freedom Bataillon.

Até logo,

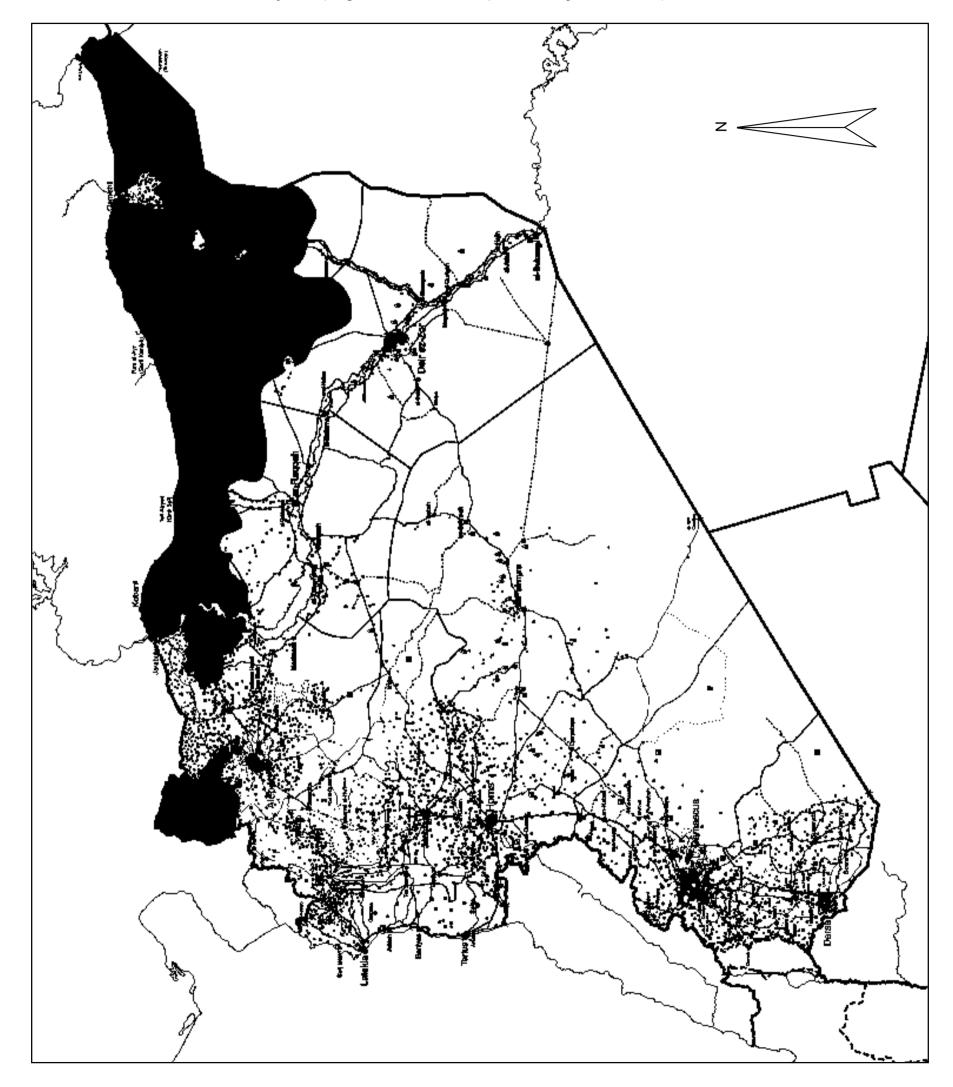
C.C.

P.S.: Desde 4 de janeiro de 2016 estou em viagem pelo Curdistão. Quem me segue desde o início sabe bem das minhas peripécias por aqui, desde a primeira merda que aconteceu quando parti do aeroporto de Paris Charles de Gaulle. Cotidianamente eu tento compartilhar com vocês pelas redes sociais minhas descobertas, minhas experiências e meus sentimentos nesta aventura, que deve durar ainda mais seis meses. Isso pede também pela participação ativa de vocês, com questões e opiniões sobre o que eu coloco aqui, e que me permitem atravessar caminhos de pensamento até então inimagináveis. Eu também preciso da doação de vocês pra esta aventura. Vim pra cá num freelance, sem patrocínio e nenhum apoio estatal, então serão as doações de vocês que vão me permitir lidar com as despesas aqui e voltar pro meu país.

Obrigado pela generosidade

Arrecadação online: Sur les routes du Kurdistan [https://www.lepotcommun.fr/pot/kxi0xc4w]

Mapa da situação da guerra civil na Síria em 5 de setembro de 2016, destacado o território de Rojava (região controlada pelas forças curdas).



ROJAVA DORHALÎYE

GEOGRAFIA Rojava é a região autônoma no nordeste da Síria, autodeclarada Federação do Norte da Síria (ايروس المش ي ف تيدرك الله تقطنم) — Federasyona Bakûrê Sûriyê) em março de 2016. Rojava na língua kurmanjî quer dizer tanto "oeste" como "pôr-do-sol": corresponde à parte oeste do Curdistão*. Em 2015 sua área estava calculada em 37.218.129 km² (um pouco menor do que o Estado do Rio de Janeiro) e contava com um total de 380 cidades, vilarejos e comunidades¹6. A federação é constituída por três cantões autônomos e confederados: Efrîn, Kobanê e Cizîrê, que não formam um território contíguo. Entre Efrîn e Kobanê há uma vasta área controlada pelo ISIS, e um corredor às margens da fronteira com a Turquia controlado pelas Forças de Libertação da Síria (FSA, uma miscelânea de milícias rebeldes).

*Curdistão é o nome de um país que nunca se formou como Estado, mas que no entanto existe. É a região de origem do povo curdo, localizada na antiga Mesopotâmia, hoje parte do assim chamado Oriente Médio. O Curdistão ocupa uma vasta região montanhosa correspondente ao sistema de cordilheiras Zagros-Taurus, que contempla aqüíferos e planícies férteis entre os rios Tigres e Eufrates – terreno dos primeiros assentamentos humanos que se sedentarizaram com o nascimento da agricultura (revolução neolítica). A identidade curda acredita ser autóctone desta área e descender dos povos desta época. A palavra curdo vem da palavra suméria kurti (que tem pelo menos 5 mil anos), quer dizer "povo da montanha", e designa um grupo étnico, linguístico e sua cultura.

Desde os acordos feitos pelas potências europeias no fim da Primeira Guerra, quando o território até então dominado pelo Império Otomano foi redesenhado, o Curdistão ficou dividido pelas fronteiras de quatro Estados: Síria ao oeste (Rojava em kurmanjî); Turquia ao norte (Bakur); Irã ao leste (Rojhilat); Iraque ao sul (Başur). Durante os processos de formação nacional destes Estados, a identidade curda

foi legalmente negada e suas práticas culturais proibidas (inclusive a língua). Desde então as populações curdas têm historicamente passado por processos de assimilação e sido alvo de genocídios. É importante notar a atual condição estamentária do Curdistão em cada um destes países.

POPULAÇÃO No início da Guerra Civil na Síria, a população de Rojava era de cerca 3,5 milhões de pessoas. Em 2015, tinha pouco mais de 2,5 milhões. Quer dizer: a região teve quase um milhão de refugiados, a maioria estabelecida em campos da Turquia e do Iraque. Sua cidade mais populosa é Qamişlo, localizada no cantão de Cizîrê, com mais de 400 mil habitantes — foi declarada capital de Rojava em julho de 2016. A maioria da população é de etnia curda, mas há presença expressiva de árabes e assírios.

ESTRUTURA POLÍTICA Rojava se organiza politicamente num sistema chamado Confederalismo Democrático, idealizado por Abdullah Öcalan – presidente do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão, fundado na Turquia em 1978) e principal líder do movimento revolucionário curdo. O projeto do Confederalismo Democrático trata de uma "democracia sem estado", em que a estrutura de decisões políticas é composta por vários conselhos, arranjados em níveis escalares, mas não hierárquicos. Das assembleias de bairro até o nível governamental, passando por conselhos de diversos tipos (categorias de trabalho, de locais de trabalho, de cooperativas, de organizações civis, religiosas, partidos, etc) todas as instâncias devem se articular a partir das decisões tomadas na base. O funcionamento da estrutura é esquematizado para garantir a máxima participação política da população. Para que qualquer assembleia aconteça, é necessário que se cumpram as quotas de representatividade pré-estabelecidas: a quota de gênero é de 40% tanto para homens como para mulheres (quer dizer: uma assembleia só acontece se houver no mínimo 40% de presença feminina ou masculina). Há também quotas de repre-

sentatividade para diferentes grupos étnicos e religiosos. Para cada instância de decisão acontecem duas assembléias: uma comum (cumprindo as quotas de representatividade) e outra exclusiva de mulheres. As mulheres têm poder de veto sobre qualquer decisão comum. Rojava tem uma constituição, chamada "Contrato Social", elaborada por uma comissão eleita nos termos anteriormente descritos. Todos os cargos administrativos são eleitos, rotativos e ocupados necessariamente por duas pessoas: uma mulher e um homem. Também são eleitos no mesmo esquema os cargos do sistema de justiça, das polícias locais e das milícias.

ECONOMIA Rojava busca coletivizar sua produção por meio de cooperativas nas cidades e no campo e pelo estabelecimento de comunas agrícolas (estas mantêm relações de produção tradicionais entre as populações curdas, não muito diferente das formas feudais). Não se trata, porém, duma economia socialista, na medida em que a propriedade não foi totalmente destituída, empresas privadas continuam funcionando e empreendimentos autogestionados estão abertos para investimento financeiro estrangeiro. A forma mercadoria organiza todavia a reprodução social. Em estado de economia de guerra, sofrendo com grande escassez de recursos e diversos embargos, a produção é basicamente voltada para o consumo interno.

A principal mercadoria produzida em Rojava é o petróleo. A região tem capacidade para produzir cerca de 40 mil barris por dia, mas desde que sua administração assumiu autonomia, passou a ser autogerida e foi estabelecida uma política de extração mínima, suficiente para o consumo interno e uma venda calculada. O petróleo serve hoje como principal matriz energética de Rojava. Todas as refinarias da Síria, porém, estão localizadas no sul do país, e os curdos tiveram que construir suas próprias com os recursos que tinham. Como é uma região embargada para relações comerciais, a venda acontece via "mercado negro". Campanhas de crowdfunding enviam bitcoins para a área. Como este capital fictício se transforma em coisa concreta é uma questão complicada. O nordeste da Síria foi pouco industrializado

muito por conta dos conflitos históricos na área. Há algumas poucas metalúrgicas e indústrias de cimento na região, que apesar de terem sido desativadas por efeito da guerra, podem ainda ter o equipamento recuperado e aproveitado.

A economia agrária de Rojava está baseada sobretudo na produção de grãos e algodão, mas a prática da monocultura extensiva deixou o solo outrora tão fértil viciado em fertilizantes, que por sua vez estão embargados. A produção não rende o bastante. O projeto é diversificar o cultivo seguindo os princípios da agroecologia, mas as circunstâncias gerais impõem dificuldades para implementação. Quanto à economia familiar, ela é basicamente de atividades pastoris (sobretudo pecuária de ovelhas).

DEFESA A principal força militar de Rojava são as milícias voluntárias: YPG (Unidades de Proteção Popular) e YPJ (Unidades de Proteção das Mulheres), formadas pelo PYD (Partido da União Democrática, derivação do PKK na Síria) e comandadas pelo TEV-DEM (Movimento social democrático, organização política responsável pela estruturação do Confederalismo Democrático). Combinadas, as duas milícias contam com um contingente de 40 mil soldados voluntários, entre curdos e estrangeiros. Grande parte do armamento é de armas de fogo leves e lançadores de foguetes leves russos. Os veículos de infantaria são parte do antigo equipamento soviético, recuperados do Afeganistão, ou outros carros pesados (ônibus, caminhões) reformados. Ainda que não tenham uma aeronáutica, as campanhas curdas têm avançado com cobertura da força aérea americana. Desde outubro de 2015, YPG e YPJ integram as Forças Democráticas da Síria (FSA), compondo de 75 a 80% desta coalizão guarda-chuva que articula diversas milícias "democráticas" em combate na Síria, e contam com forte suporte militar norte-americano e apoio tático e diplomático da Rússia, França, Reino Unido e Alemanha.

A articulação de uma defesa militar propriamente curda remonta às guerrilhas promovidas pelo PKK a partir do fim dos anos 1970. A princípio tinham o caráter de luta de libertação nacional, de orientação marxista-leninista, como as tantas que pulsavam à época em meio aos povos colonizados. Os anos 80 e 90 foram sangrentos, marcados pela guerra contra o exército turco e diversos levantes populares, resultando na destruição de cerca de 4 mil vilarejos curdos, um total de 3 milhões de refugiados, 30 mil civis mortos e milhares de militantes presos. O PKK é criminalizado pelo Estado turco e é oficialmente considerado terrorista pelo index internacional. Desde 1999, Abdullah Öcalan está preso e isolado na ilha de Imrali na Turquia. Desde então tem revisto a orientação política do partido e em consequência do movimento popular curdo, aproximando-se de princípios organizativos anarquistas. Esta mudança de posicionamento do partido também interfere na forma de atuação das milícias, que deixaram de combater pela independência do Curdistão e passaram a reivindicar a legitimidade de uma luta de autodefesa.

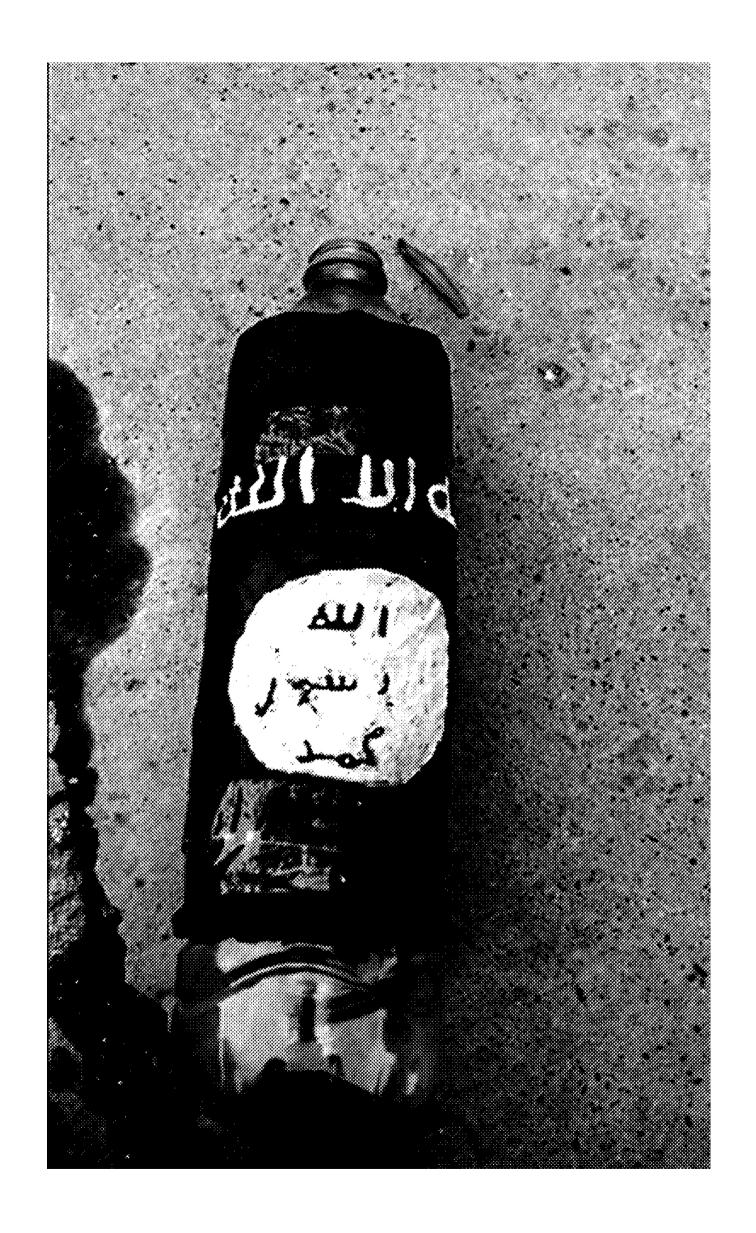
NOTAS DA TRADUÇÃO

- ¹ www.kedistan.net/tag/chroniques-du-front
- ² *Tabur* é o nome que se dá em curdo à unidade básica do corpo do exército, que vai sendo composto escalarmente para formar os batalhões, regimentos, brigadas, etc.
- ³ *Daech* (Da'ish) é o mesmo que Estado Islâmico. É a forma pejorativa como os inimigos o chamam: em árabe soa parecido à sigla de "Estado Islâmico da Síria e do Iraque" (al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa al-Sham), mas é um trocadilho com a palavra *dahes*, que significa "aquele que semeia a discórdia". Os Daech cortam a língua de quem os chama assim.
- ⁴ Tekmil, reunião em roda, pode ser uma assembleia ou só uma conversa.
- ⁵ Disponível em: http://www.kedistan.net/wp-content/uploads/2016/03/cc-cours-de-kurde.pdf
- ⁶ Tubib é médico em árabe. A palavra virou jargão militar em língua francesa no século XIX por conta da colonização do Magrebe. É comumente usada por membros da Legião Estrangeira, mesmo que não estejam em áreas de língua árabe.
- ⁷ Peshmerga em kurmanjî significa "aqueles que confrontam a morte". Historicamente o termo foi usado para designar combatentes curdos. Hoje *peshmerga* é o nome oficial do exército curdo comandado pelo Governo Regional do Curdistão, região de administração independente no Iraque, sob bandeira nacional curda, formada como protetorado norte-americano na Guerra do Golfo (1992). Atualmente as forças armadas peshmerga contam com cerca de 100 mil homens e mulheres, 35 mil comandados pelas Forças Armadas Nacionais do Iraque.
- ⁸ *Gund*, "vilarejo" em kurmanjî.
- ⁹ *Mange*, "cômodo" em kurmanjî.

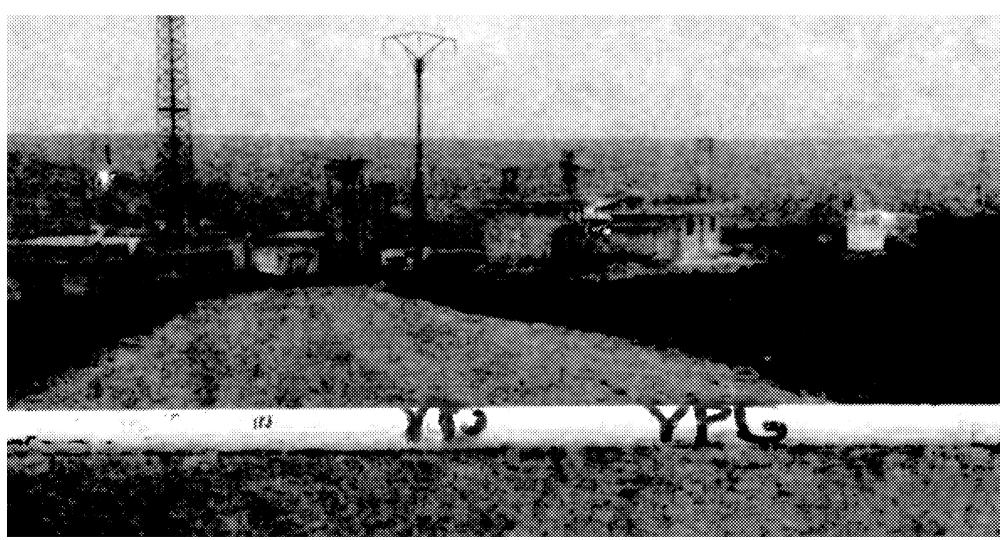
- ¹⁰ *Civîn*, "assembleia" em kurmanjî.
- ¹¹ *Gundis* são habitantes dos vilarejos (*gunds*) em kurmanjî.
- 12 Şehîd, "mártir" em kurmanjî.
- ¹³ Referência à caricatura militar "Adjudant Kronenbourg", personagem do quadrinhista Cabu.
- ¹⁴ No dia 30 de abril acontece a principal comemoração da Legião Estrangeira, o "Dia de Camarón", celebração da vitória em uma importante batalha napoleônica do século XIX.
- ¹⁵ Referência à Batalha de Berezina, em que o exército napoleônico fez uma entrada desastrosa na Rússia.
- ¹⁶ Quando esta revista for publicada em outubro de 2016, será preciso considerar vastos ganhos territoriais de Rojava.











REVISTA ROJAVA

_/50

IMPRESSO EM TERRITÓRIO DOMINADO PELO ESTADO BRASILEIRO

FREDERICO HEER
GUILHERME BOSO
HELENA SA MOTTA
RACHEL PACHECO

